# O USO DO DIALOGO NO MEMORIAL DE AIRES \*

### Marilene Weinhardt \*\*

# 1. Introdução

O narrador dispõe de vários processos para transmitir sua história, para elaborar o enunciado. Da escolha oportuna ou não dependerá o sucesso ou o fracasso da narrativa. Esses processos podem ser encarados sob diversos aspectos e analisados em diferentes níveis. A narrativa quase sempre nos apresenta diversas personagens, que podem ser caracterizadas pelas ações, pelo traje, pelos gestos, ou ainda pela fala. A expressão do indivíduo é um retrato fiel, deve ser pronta e, via de regra, não dá oportunidade para disfarces, para refletir e compor como uma ação ou um vestuário. Língua é reflexo. Portanto, o estudo dos níveis da fala fornece elementos, seja para o conhecimento da personagem, do narrador, e do próprio autor.

O processo primário é apresentar o indivíduo e deixá-lo falar, com um verbo dicendi (disse, perguntou, respondeu) para anunciar o interlocutor ou explorando a simples disposição gráfica. É o discurso direto, que dá oportunidade maior de conhecimento da personagem uma vez que se propõe reproduzir suas palavras textuais. A situação torna-se concreta. O narrador é apenas um diretor de cena.

Quando o narrador propõe-se transmitir apenas o sentido intelectual da fala da personagem e não a sua forma lingüística, encaixa-a no seu próprio discurso, introduzindo-a com um verbo dicendi e um elo subordinativo, em geral conjunção integrante. É o discurso indireto.

Um terceiro processo, mais sofisticado, é o discurso indireto livre: a fala passa pelo crivo do narrador mas conserva o cunho lingüístico

- \* Marilene Weinhardt concluiu, em 1973, o curso de Letras e, atualmente, é Auxiliar de Ensino de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná. Em Arquivos (v. 2, n. 5) publicou O narrador em aquela casa triste.
- \*\* Trabalho elaborado sob orientação da Prof. Cassiana Lacerda Carollo para o Curso de Especialização em Literatura Brasileira, realizado no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, em 1974. Grau obtido: oito e meio.

das frases citadas sem necessidade da sua transcrição em nome da personagem 1.

No caso do narrador onisciente, que se propõe objetivo, o estudo dessas nuanças não permite maiores conclusões sobre o narrador. É sobretudo o estilo do autor que está em jogo. Mas quando o narrador é uma personagem, que nos apresenta as demais através de seus olhos, a preferência por tal ou qual processo assume importância capital uma vez que dependerá sempre da escolha do narrador-personagem e de seu porquês. A visão de uma personagem pelo prisma de outra é sempre relativa, o leitor estará condicionado a essa visão, fazendo um juízo a partir do ponto de vista do narrador personagem. É o caso do Memorial de Aires, no qual, personagem secundária na intriga, o Conselheiro Aires passa ao primeiro plano na narrativa, construída a partir das suas observações, no seu universo mental, da sua cosmovisão.

# 2. Proposição

Este trabalho se propõe, partinda da observação do tipo de discurso usado pelo narrador e do estudo sistemático sobretudo do diálogo direto, desenvolver os seguintes pontos:

- a) O diário pressupõe sempre uma anterioridade e uma posterioridade imediatas. Um passado remoto entra apenas incidentalmente, como uma lembrança que logo se esvai. O futuro é o amanhā na sua acepção temporal, como plano de um passeio ou de uma visita.
- b) Em relação à fala o diário instaura problemas: não permite uma longa citação em discurso direto. Será sempre a reconstituição do narrador, portanto submetido sempre à relativação deste, assim como a escolha desta ou daquela réplica. Um dia de muita ação produz cansaço e falta de tempo.

Os sucessos já não serão narrados no dia. A visão do dia seguinte já não traz as mesmas emoções e detalhes do momento vivido. Em compensação permite maior reflexão.

- c) A personagem é apresentada pelo narrador e pelo juízo que os demais fazem dela. O narrador habilmente joga com esse "juízo sobre os outros", com a maneira de julgar, para tirar suas conclusões e para dar ensejo às do leitor.
- d) Existe na obra um constante trabalho de metalinguagem. O Conselheiro Aires policia sua linguagem, retifica-a. justifica e explica. Um diário é algo que escrevemos para nós mesmos e não há necessidade de enfeites para impressionar.
- e) O Conselheiro Aires é um diplomata aposentado que resolve ocupar seu tempo observando os outros e aproveitando a lição que estes lhe dão para elaborar ou confirmar uma filosofia de vida. Mas é antes de tudo um diplomata, cujo principal atributo é a paciência,

<sup>1</sup> CAMARA JR., J. Mattoso. O Discurso Indireto Livre em Machado de Assis. In: ————. Ensaios Machadianos. Rio de Janeiro. Acadêmica, 1962. p. 25-41.

procurando atenuar, neutralizar. Seu entusiasmo traz sempre uma reserva sua crítica uma gentileza.

### 3. Desenvolvimento

O Memorial de Aires é uma espécie de fragmento do diário do Conselheiro Aires, do dia 9 de janeiro de 1888 a um "sem data" de 1889 (provavelmente setembro). A fórmula com que se inicia já faz pressupor que não é esta a primeira vez que o conselheiro se dedica a tal ocupação: "Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamenta da Europa" 2. A Volta da Europa é uma espécie de data-marco na vida do velho diplomata. Tudo o que aconteceu na sua vida foi antes ou depois ou durante sua estadia no Velho Mundo. A lembranca do passado distante como a escola, a missa na capela, a sorte, são fatos anteriores à Europa. O casamento, a batalha de Tuiuti, a cantora Alboni são de seu tempo de Europa. "Agora" é a vida aposentado. que vai se readaptando aos costumes da terra natal. A revisão que faz nesse dia é um fato de memória involuntária despertada pelo pregão do vendedor de vassouras. Mas no diário essa data é tomada como que ao acaso, sem major significado além do início de majs um ano A expressão "Ora bem" demonstra o caráter de interlocutor, de confidente que o papel ocupa.

A narração no presente para a qual nos prepara o "hoje" inicial é reiterado pelas coordenadas "aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei" 3. O narrador jamais nos dá uma oportunidade para esquecer esse caráter de diário, a visão de agora, pela grande quantidade de deíticos indicativos de tempo que aparecem no texto. Exceto alguns poucos fatos do passado remoto, lembrança provocada por um acontecimento presente, o maior distanciamento temporal é "anteontem", num reduzido número de cinco, mais de trinta "hoje" e doze vezes "amanhã". Além desses denotativos de presentificação da ação, aparecem vários "esta noite", "à tarde", "esta manhã". Duas únicas referências ao "ano passado", já em 1889: dia do aniversário de Aires e um ano da aposta com mana Rita sobre a durabilidade da viuvez de Fidélia.

Essa posterioridade imediata do diário faz com que os fatos e impressões sejam relatados ainda sob o efeito da emoção. embora o conselheiro seja bastante impassível, não permitindo discernir racionalmente aquilo que será fundamental para o futuro. Assim, o relato de um fato que possa provocar uma reação depende tão somente da suscetibilidade de narrador. O leitor de um diário está sujeito a ler longas passagens que não terão conseqüência nenhuma, assim como deixar passar outras, apenas mencionadas, sem lhes dar maior importância, podendo estas tornarem-se chaves para fatos posteriores. A história de Tristão, relatada pelo Desembargador Campos, surge

<sup>2</sup> MACHADO DE ASSIS, J.M. Memorial de Aires, São Paulo, Jackson, 1952. p. 11.

<sup>3</sup> Ibid., 12

apenas como para caracterizar o casal Aguiar. Nada faz supor que Tristão ressurgirá como protagonista do caso amoroso com a viúva Fidélia

A história do menino Tristão está no mesmo nível que a história do cão. Assim como Campos conta ao conselheiro sobre Tristão para provar o caráter do casal Aguiar, o próprio Tristão contará a história do "terceiro filho", para ilustrar o que falava sobre a capacidade de amor e dedicação dos Aguiares.

Um diário pressupõe relato de fatos ocorridos e não planos para um futuro distante. O Conselheiro Aires só se refere ao futuro em termos de "esta noite". "amanhã" ou depois", e reiterando essa idéia de futuro próximo, o verbo é colocado no presente: "e pode ser que lá vá esta noite. Vou, vou" 4. Mesmo as conjecturas, quando ainda muito temerárias são refutadas e só tornam quando surgem mais elementos, como é o caso da inclinação entre Fidélia e Tristão e da consequento alegria de D. Carmo. Literatura é intransitiva. Impressões de um dia anterior são retificadas ou confirmadas no dia seguinte, sem demora, assim como várias passagens em que Aires desculpa-se por haver esquecido de relatar um fato que deveria estar no dia anterior. Não existem grandes voltas. Uma vez ou outra escreve que já deve ter exposto esta ou aquela idéia, mas não relê o passado para verificar. Mesmo os diálogos sonhados ou imaginados demonstram essa imediatização. São fatos que poderiam ter ocorrido naquele dia e não remotas possibilidades futuras:

Titio pode ficar, diria ela ao receber o cartão de Osório.

- Não, é melhor sair. Provavelmente é algum caso de advocacia, continuaria ele sorrindo, e eu sou magistrado, não devo ouvir nada por ora; mais tarde terei de ser juiz. <sup>5</sup>
  - Não é possível!Nhanhá Fidélia!
  - A viúva Noronha!
- Há de ser alguma amiga. <sup>6</sup> Tal diálogo é imaginado e escrito no momento em que deveria estar ocorrendo. E em sonho:

Esta manhã. como eu pensasse na pessoa que terá sido mordida pela viúva, veio a própria viúva ter comigo, consultar-me se devia curá-la ou não...

- Conselheiro, disse ela entre graciosa e séria, que acha que faça? Que case ou fique viúva?
  - Nem uma coisa nem outra.
  - Não zombe, conselheiro.
- Não zombo, minha senhora. Viúva não lhe convém, assim tão verde; casada, sim, mas com quem, a não ser comigo?

— Tinha justamente pensado no senhor.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 222

<sup>5</sup> Ibid., p. 80

<sup>6</sup> Ibid., p. 129

<sup>7</sup> Ibid., p. 72

Em tais situações Aires é um "diretor de cena", que descreve entrada e saída dos atores, posição, expressões.

Uma narrativa escrita apresenta três temporalidades internas: o tempo da história, o tempo da escrita e o tempo da leitura. 8 No Memorial de Aires as três temporalidades chegam quase a fundir-se numa só, uma vez que o universo evocado é sempre o de "ontem" ou "hoje durante o dia" e a freqüência dos deíticos temporais transporta também o leitor. Mesmo quando existe um encaixe e o tempo contado distancia-se do tempo da escrita existe uma ponte de ligação entre eles: o reconhecimento 9 do narrador, que só se dá no momento da história encaixada.

Além dos encaixes, a unidade de tempo da história não corresponde à unidade de tempo da escrita nas digressões que tem caráter de recordação da vida na Europa, da infância, ou reflexões filosóficas, não pouco freqüentes, quando chega quase a transparecer o autor explícito, Machado de Assis.

Quanto a um tempo externo, o tempo histórico, o Memorial de Aires é um quadro da vida do Rio de Janeiro pouco antes da República: recepções, visitas, passeios a Petrópolis, serões.

No levantamento do tipo de diálogo usado pelo narrador encontramos seguidamente o discurso direto. No entanto, em geral um diálogo não é todo transcrito nesse estilo, o que levaria a uma evidente contradição e inverossimilhança. Por mais interessante que seja um momento, a memória não reterá todas as réplicas, se as palavras excederem um número bastante limitado. Quem escreve um diário não se propõe fazer um roteiro de teatro. O recurso mais freqüente no Memorial de Aires é a combinação entre o discurso direto e o indireto, algumas vezes chegando ao indireto livre. Assim, em um longo texto em discurso indireto, insere-se uma observação ou uma exclamação que pode ter a função de dar mais forte impressão ou como marca característica de uma personagem.

Embora na maioria das vezes em que a transcrição de um discurso direto excede uma réplica seja o próprio Aires um dos interlocutores, casos há de diálogos contando ou repetindo cenas relatadas, como é o caso da ida de Tristão para a Europa, narrada por Campos:

- Papai volta daqui a seis meses; eu volto com ele. Que são seis meses?
- Mas os estudos? dizia-lhe Aguiar. Você vai perder um ano.
- Pois que se perca um ano. Que é um ano que não valha a pena sacrificá-lo ao gosto de ir ver a Europa? 10
   à a caracterização que o desembargador Campos dá a Tristão. A

<sup>8</sup> DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. Tempo do Discurso, In:

Dicionário das Ciências da Linguagem. Lisboa, Dom Quixote, 1973. p. 373-8

9 ARISTOTELES. Poética. In: OS PENSADORES. São Paulo, Abril Cultural,
1973. v. 4, p. 443-533

<sup>10</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 42-3

cena pertence a um passado distante, é uma evidente reconstituição já passada pelo filtro do tempo e de dois narradores ou mesmo três, pois nem Campos afirma tê-la presenciado.

A teoria literária assinala a existência de pelo menos três protagonistas no processo narrativo: a personagem, o narrador e o leitor. <sup>11</sup> Aires aparece em algumas passagens desdobrado em narrador e autor implícito:

Assim o disse por esta única palavra que me pareceu expressiva dita a brasileiros:

Felicito-os.

— Já sabia? perguntaram ambos. 12

O pronome "me" e o cumprimento fazem com que Aires passe a sujeito da enunciação, surgindo imediatamente um autor implícito que organiza o texto: Aires no momento em que escreve. Em outros casos Aires permanece no nível do enunciado, mero organizador do texto:

Campos escreveu à sobrinha, referindo-lhe o estado da fazenda, e contando os passeios que deu por ela com o moço Tristão. Este é curioso e discreto no exame das coisas que vê e nas notícias que pede. Lá está o capelão, e mais o juiz municipal. A carta é anterior ao bilhete do Aguiar, não fala nele, mas diz que Tristão não se demorará muito; conta vir daqui a dias. 13

O diário não é de um adolescente, ocupado com seu universo mental, mas de um velho diplomata que passa seu tempo estudando a alma humana através da observação direta. O leitor, aquele a quem se fala, é o papel. A narrativa não vai por si mesma, natural. O ato da enunciação está representado no texto, assim como o próprio ato da escrita. O narrador Aires dá algumas vezes a palavra a outros narradores, lugar ocupado em geral por mana Rita ou por Campos, que preenchem as lacunas do passado brasileiro. A história de Fidélia contada por Rita, de Tristão e dos Aguiares por Campos, do cão por Tristão, são encaixes. No entanto. Aires nunca desaparece inteiramente. Sua sombra permanece ao menos quando diz que vai resumir o que foi contado por este ou aquele. Ele nunca permite que o leitor tenha a ilusão de estar lendo um romance ou novela de narrativa transparente. Está sempre presente o ato da escrita. Aires está presente tanto no universo evocado como no da narrativa. Mas existe uma nuanca. No universo representado ele é apenas testemunha, não tendo influência na ação. Existisse ou não a personagem Conselheiro Aires, o casal Aguiar poderia existir, os filhos postiços, a Santa-Pia Qualquer outro narrador poderia criar essas personagens e fatos semelhantes. Já no universo da narrativa, o conselheiro passa a outro nível. Os fatos são observados, selecionados, relatados por ele, no

<sup>11</sup> TODOROV, Tzvetan. Visão na Ficção. In: DUCROT & TODOROV. Dicionátio... p. 385.9

<sup>12</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 65

<sup>13</sup> Ibid., p. 173

"seu" diário. Sem eîe, esse diário não existiria. No nível da narrativa ele é o agente.

Essa duplicidade do narrador Aires, quanto à presença, verificada já no processo narrativo, continua na distância <sup>14</sup>: como narrador ele simpatiza com o modo de ser de Tristão, com o caráter de Aguiar, com a conversa de Campos, com a dedicação de Fidélia. Como autor implícito conserva a frieza e agudo senso de observação e análise, temperados pela ironia leve e jocosa.

Quem faz um diário de fatos observados tem uma visão externa. No entanto, os elementos fornecidos pelas notas do Conselheiro Aires conduzem destramente o leitor a uma visão íntima da personagem a tal ponto que o leitor desprevenido pode deixar-se envolver e formar imagens pensando que estas foram fornecidas pelo narrador. De repente, a personagem nos surpreende, surge espessa. Depois verificamos que fomos nós que a fizemos; o narrador não disse nada a respeito de sua psicologia, limitando-se a contar os fatos. É o caso de Tristão, que desaparecera e ressurge como caído do céu. Mas o narrador não declarou que pensava que Tristão não voltasse. Foi conclusão de leitor apressado.

O diário como modo de representação é o que os formalistas designam pelo termo de motivação do processo. <sup>15</sup> A ilusão de realidade é sempre reiterada por explicações e justificativas. Nesse universo de discurso imaginário, a linguagem conserva a sua função referencial: <sup>16</sup>

Se eu estivesse a escrever uma novela, riscaria as páginas do dia 12 e do dia 22 deste mês. Uma novela não permitiria aquela paridade de sucessos. Em ambos esses dias, que então chamaria capítulos, — encontrei a viúva Noronha, trocamos algumas palavras, vi-a entrar no bonde ou no carro, e partir; logo dei com dois sujeitos que pareciam admirá-la. Riscaria os dois capítulos, eu os faria mui diversos um do outro; em todo caso diminuiria a verdade exata, que aqui me parece mais útil que na obra de imaginação. 17

Além de passagens como a referida, existem outras em que Aires justifica-se dizendo que vai resumir porque já é muito tarde ou porque os sucessos do dia foram muitos e o cansaço vence-o. Outras vezes declara não ter sequer saído, sobra-lhe tempo, mas falta matéria. O universo imaginário do diário cria outra realidade imaginária, a história dos amigos de Aires que, por sua vez, dá oportunidade de existir o mundo mental de Aires e suas reflexões.

Já foi referido o caráter de observação da vida do próximo que tem o diário do Conselheiro Aires. Não é a sua "journée" mas o dia-adia de um determinado grupo de pessoas vistas por seus olhos. De

<sup>14</sup> TODOROV, Tzvetan. Visão na Ficção. In: DUCROT & TODOROV. Dicionário... p. 385-9

<sup>15</sup> DUCROT & TODOROV. Dicionário... p. 316

<sup>16</sup> Ibid. p. 297

<sup>17</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 159

quando em quando surge um fato no qual não tomam parte as personagens habituais, como um jantar com o encarregado dos negócios da Bélgica, ou um trabalho que está concluindo. Mas estes aparecem como que incidentalmente, dando maior veracidade ao diário. O foco narrativo permanece em torno dos Aguiares e de seus filhos posticos. que serão caracterizados pelas ações, pelas observações do Conselheiro Aires e de uns sobre os outros, e pela fala. Mas em qualquer dos casos essa caracterização está submetida à visão do narrador-personagem Aires, mesmo o próprio retrato, que se faz aos poucos em observações disseminadas no texto e pelo modo de analisar os outros. Aires é um diplomata aposentado que lê Shelley, Thackeray, Heine e cita João de Barros. Como homem público não esquece o aniversário da Constituição, do ministério Ferraz, da batalha Sedan, mas no momento não se preocupa com a política, deixando mesmo de dar claramente sua opinião sobre a abolição dos escravos. Ama a música, não gosta de lágrimas, reconhece já não ter idade para casar-se novamente e

Sempre me sucedeu apreciar a maneira por que as caracteres se exprimem e se compõem, e muita vez não me desgosta o arranjo dos próprios fatos. Gosto de ver e antever, e também de concluir. 18

Aí está o porquê do diário. A risonha e complacente ironia com que vê o mundo vê-se também a si mesmo: "Entretanto, em rapaz, — quando fiz versos, nunca os fiz senão tristíssimos. As lágrimas que verti então, — pretas, porque a tinta era preta..." 19

E é pelo filtro desses olhos que se apresentam as demais personagens. Mana Rita é a primeira que aparece na narrativa depois de Aires. Sua presença é marcada pelo bilhete lembrando o aniversário da volta da Europa e convidando para ir ao cemitério agradecer o regresso. Essa ligação com cemitério é o seu traço mais forte, viúva eterna. Cuidadosa, reza pelas almas dos falecidos e conta da vida de todos. Rita é a ligação de Aires com a vida dos brasileiros durante sua permanência no exterior. Rita é uma espécie de caderno de informações, pois, "além de boa pessoa, e curiosa" 20 trata de descobrir o que por ventura não saiba. Essa é uma das personagens a quem Aires mais dá a palavra em diálogo direto. Ela é sua irmã, conhece-a bem, e portanto não há dificuldade em guardar de memória o que fala ou reproduzir os trechos mais longos com uma mínima margem de erro. Várias vezes Rita ocupa o lugar de um segundo narrador, mas nunca no mesmo nível de Aires, que não desaparece totalmente. O ato da escrita é sempre dele, imperante o seu ponto de vista. Inicialmente muito constante, depois mana Rita não aparece por muitas páginas, dando lugar aos demais. Mais relacionado, Aires já busca as informações e não tem necessidade de um elemento intermediário.

<sup>18</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 179

<sup>19</sup> Ibid., p. 186

<sup>20</sup> Ibid. p. 14

É também no cemitério, e igualmente viúva, que surge a segunda personagem: Fidélia. Agente da intriga amorosa da narrativa, aparece na língua de Rita e nos olhos de Aires. A roupagem romântica dada por Rita na história de Fidélia é reforçada ironicamente por Aires na comparação com a história de Romeu e Julieta. Fidélia é perfeita, seja aos olhos de Rita, dos Aguiares, de tio desembargador. de Tristão, da mãe deste, e do próprio Aires. Inicialmente tratada como a viúva Noronha, passa a viúva Fidélia, dama Fidélia, bela Fidélia, encantadora Fidélia, ou simplesmente Fidélia. É Fidélia o assunto predominante no diálogo direto. Aires transcreve expressões e mesmo longos períodos que demonstram a admiração que todos têm pelas qualidades da viúva. No entanto, esta não fala muito. A fala de Fidélia aparece várias vezes, mas sempre bastante breve, caracterizando sua meiguice. É uma única réplica um assentimento. Suas observações aparecem em discurso direto e indireto combinados, dando lugar para mostrar seu gênio terno. Sua palavra aparece também em indireto livre, como na passagem: "a amiga alegou que era esperada em casa e não podia; voltaria hoje ou amanhã",21 em que o seu texto aparece no de Rita. Apenas uma vez Fidélia faz um discurso mais longo, este também ouvido por Rita. É quando insiste com D. Carmo sobre a viagem:

— D. Carmo, por que não vem conosco? Ainda é tempo de comprar bilhetes, e se os não houver, Tristão adia a viagem, e vamos no outro paquete. <sup>22</sup>

Aires volta sempre a referir-se ao cemitério e a conclusão que dá sobre Fidélia prova que esta foi uma ilustração para a sua tese sobre a passagem do tempo, que tudo atenua, e do que o homem não tem culpa:

Se eu a visse no mesmo lugar (no cemitério) e postura, não duvidaria ainda assim do amor que Tristão lhe inspira. Tudo poderia existir na mesma pessoa, sem hipocrisia da viúva nem infidelidade da próxima esposa. Era o acordo ou o contraste do indivíduo e da espécie [...] Mas o gênio da espécie faz reviver o extinto em outra forma, e aqui lhe dá, lhe entrega e recomenda. <sup>23</sup>

Fidélia não nega o nome.

Se a história de Fidélia lembra os amantes de Verona, o nome da outra personagem não fica devendo à tradição dos pares clássicos: Tristão. Este é apresentado pelo desembargador Campos, que faz agora o papel de segundo narrador. Tristão é uma figura que vem se chegando à narrativa aos poucos e passando do nível da recordação a verdadeiro agente. Inicialmente é história remota do filho postiço dos Aguiares que foi para a Europa e parece fadado a ser esquecido na narrativa. De repente surgem cartas de Tristão e, logo mais, ele

<sup>21</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 178

<sup>22</sup> Ibid. p. 269

<sup>23</sup> Ibid., p. 209

próprio. Ao centrário de Fidélia. Tristão não é apresentado como o modelo da perfeição. Voluntarioso, decide ir à Europa contrariando a opinião dos velhos. Muda facilmente: queria ser advogado e cursa a escola de medicina. vem ao Brasil para breve visita e volta casado. É também dissimulado: admira Fidélia por seu talento artístico, mente aos Aguiares que vai à Europa apenas em visita aos pais. Mas Aires gosta do rapaz. Afinal, ele não declarou gostar de seres perfeitos. Tristão não é mau, é apenas humano. A respeito de Tristão notamos uma mudança de atitude do Conselheiro Aires. Enquanto é conhecido apenas pela história e por cartas, existe mesmo uma espécie de reserva pelo afilhado dos Aguiares. O Conselheiro chega até a mandá-lo ao diabo, parecendo-lhe que divide o amor de D. Carmo a Fidélia. Já depois de sua chegada, Aires declara:

Tem agradado muito o Tristão, e para crer que o merece basta dizer que a mim não me desagrada, ao contrário. É ameno, conversado, atento, sem afetação, nem presunção; fala ponderado e modesto, e explica-se bem. Ainda não lhe ouvi grandes coisas, nem estas são precisas a quem chega de fora e vive em família; as que lhe ouvi são interessantes. <sup>24</sup>

Alguns dias após confessa que o rapaz agrada-o cada vez mais e, observando sua reação quando apanhado em flagrante admirando a viúva Fidélia. Aires concluju que "há nele muita compostura e alguma dissimulação".25 Poucas vezes Tristão fala diretamente, confirmando o "não lhe ouvi grandes coisas". Aires refere-se as suas conversações sobre política, mais tarde sobre a noiva, mas dificilmente transcreve uma ou outra expressão. Há uma exceção: a confissão a Aires sobre o amor dedicado à formosa Fidélia. Tristão desabafa e, como tal circunstância exige, fala muito. Aires transcreve quase tudo. Podemos julgar da sinceridade de Tristão. Outra personagem que, mesmo não passando de mera testemunha, fala bastante, é o desembargador Campos. Antigo colega, o desembargador ocupa a mesma posição de informante de mana Rita, de elo com o passado. Na descrição dos Aguiares. Campos é bastante enfático. Mas essa ênfase é confirmada pelo Conselheiro Aires, cujo diário gira em torno da vida do casal Aguiar e de seus filhos posticos. Aires encontra grande identidade com o casal Aguiar, pois com ele, Aires, são os três "velhos" da história. Aguiar é o homem de negócios que não se deixou dominar pela vida pública. A sua "fala" demonstra o carinho pela esposa, o amor pelos filhos postiços e a anizade por Aires, sentimentos que sabe mostrar sem afetação. Carmo é a personagem pela qual o narrador demonstra maior admiração. Além da dedicação do marido, aos filhos postiços, à casa, Aires sublinha que "nela a intensidade parece estar mais no sentimento que na expressão". 26 Confirmando essa observação, os diálogos de D. Carmo são sobretudo com os olhos.

<sup>24</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 107

<sup>25</sup> Ibid. p. 159

<sup>26</sup> Ibid., p. 40

Várias vezes o narrador refere-se ao que Carmo disse, confirmou ou perguntou com o olhar. É a sua força expressiva. A sua "parole" demonstra uma pessoa comedida, extremamente carinhosa, mas muito equilibrada.

O oposto de D. Carmo é D. Cesária. Essa personagem dá ensejo a interessantes observações da parte do narrador. É a típica maldizente, mas o conselheiro não a representa maligna. Picante, Aires não se preocupa quando a ouve dizendo mal dos outros, sabendo que bastará virar-lhe as costas para passar a objeto de sua recreação predileta. O marido é retratado como um constante sorriso de cárcere. Em todo o livro são os únicos que falam mai dos outros mas, ela, com tal graça e compensando a vítima com tantos elogios por ocasião de um encontro, que tudo lhe pode ser perdoado. D. Cesária é a única que julga haver da parte de Tristão algum interesse que não o sentimental no casamento com a viúva Noronha.

Esse é o mundo humano que se movimenta na narrativa, uns vistos através dos outros, todos vistos através do narrador-personagem, que não julga, não estabelece escala de valores, apenas registra impressões. Seu estilo é o que Todorov chama modalizante, 27 acentuado pelo grande número de "creio", "parece-me" ou equivalentes. É uma apreciação sobre o valor da verdade de discurso.

O Conselheiro Aires exerce um constante policiamento da própria expressão. Um adjetivo mais enfático não passa sem um comentário sobre quem o empregou, uma construção mais arrojada não é deixada sem uma irônica observação sobre o requinte de estilo. Igualmente as figuras que denotam exagero como a imagem e a hipérbole são comentadas. Nota-se a preocupação em atribuir a cada um o que lhe é próprio, enquanto o que é peculiar ao narrador é esse constante trabalho de metalinguagem. Affonso Romano de Sant'Ana. analisando Esaú e Jacó, 28 acentua o gosto de Machado de Assis pelo lúdico. Um diário é uma atividade lúdica. No jogo de xadrez, a mínima distração pode ser fatal. Na narrativa, Aires não se permite um cochilo. Todas as palavras são medidas. Essa atividade lúdica no nível da linguagem manifesta-se em estranhamentos como: "As lágrimas que verti então. — pretas, porque a tinta era preta, — podiam encher este mundo, vale delas".29 Também a ludicidade do leitor é explorada até o fim: o casal irá embora ou não? O jogo não permanece no nível da língua, atingindo também o da narrativa.

#### 4. Conclusão

"- Ah! minha amiga (ou meu amigo), se eu fosse a indagar onde

<sup>27</sup> TODOROV, Tzvetan. Estilo. In: DUCROT & TODOROV. Dicionário... p. 259.63

<sup>28</sup> SANT'ANA, Affonso Romano de. Esaú e Jacó. In: \_\_\_\_\_. Análise Estratural de Romances Brasileiros. Petrólis, Vozes, 1973. p. 116-52

<sup>29</sup> MACHADO DE ASSIS, p. 186

param os mortos, andaria o infinito e acabaria na eternidade". 30 Essa é a resposta que o Conselheiro Aires se propõe dar àqueles que perguntem pelo falecido Noronha quando da decisão da viúva de casar-se novamente. E essa é a história do Memorial de Aires, o diário do Conselheiro Aires sobre o qual, Machado de Assis adverte:

Tratando-se agora de imprimir o Memorial, achou-se que a parte relativa a uns dois anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões, — pode dar uma descrição seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diária que tem. 31

Assim o diário ganhou feição de memorial.

Aires é um espectador público da vida, aproveitando o cotidiano para confirmar sua filosofia fatalista, colocando sua gota de fel de costume, conservando sempre um sorriso fino no canto dos lábios ou pelo menos nos olhos. Toda a sua narrativa é a prova de que tudo é passageiro, fugaz. "Les morts vont vite" e a vida continua. Esquecer é a lei do mundo. Os homens não são bons nem maus, são apenas humanos. É preciso ser complacente com eles.

Dino Preti afirma que "Quando o artista está mais interessado na análise psicológica, portanto, numa descrição vertical da personagem, sua interferência sobre esta, como criador é mais significativa e, portanto, via de regra, menos perfeita a fixação dos níveis sociolingüísticos", 32 Ao narrador do Memorial de Aires interessa realmente que ouçamos aquilo que pode dar uma possibilidade de visão interna da personagem, e as réplicas escolhidas para figurarem em diálogo direto tem esse objetivo. O Memorial de Aires é uma visão da condição humana, e não de determinado grupo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTELES. Poética. In: OS PENSADORES. São Paulo, Abril Cultural, 1973. v. 4, 533 p.

DUCROT, O. & TODOROV. T. Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa, Dom Quixote, 1973. 445 p.

MACHADO DE ASSIS, J.M. Memorial de Aires. São Paulo. Jackson, 1952. 285 p. CAMARA JR., Joaquim Matoso. Ensaios machadianos. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962. 173 p.

PRETI, Dino. Sociolingüística; os níveis da fala. São Paulo, Ed. Nacional, 1974. 181 p.

SANT'ANA, Affonso Romano de. Análise estrutural de romances brasileiros. Petrópolis, Vozes, 1973. 212 p.

#### Resumo

O estudo dos níveis da fala fornece elementos para o conhecimento da personagem, do narrador, e mesmo do autor.

- 30 MACHADO DE ASSIS, p. 254
- 31 Ibid. p. 7
- 32 PRETI, Dino. Sociolingüística; Os Níveis da Fala. São Paulo, Ed. Nacional, 1974. p. 51

O Memorial de Aires é um diário, o que denota uma marcação de tempo cronológico. O narrador é uma personagem e a narrativa é limitada ao seu campo de visão. A escolha das réplicas que figurarão em diálogo direto, indireto, ou em indireto livre estarão sempre submetidas à relativização do narrador.

Elemento de destaque no estudo do discurso do Memorial de Aires é o constante policiamento da linguagem. O narrador não se deixa levar pelo entusiasmo. As palavras são medidas e pesadas.

Todas as personagens surgem aos olhos do leitor pelo prisma do Conselheiro Aires. O velho diplomata ocupa-se em observar o próximo e elaborar ou confirmar sua irônica e cética filosofia de vida. O passado, a infância, a vida na Europa, constituem vivências que o levaram à visão de mundo confirmada com a história de Tristão e Fidélia.

#### Résumé

L'étude des niveaux de la parole fournit des élements pour la connaissance du personnage, du narrateur, et même de l'auteur.

Le Memorial de Aires est un journal, le temps est chronologique. Le narrateur est un personnage et la narration est limitée à son champ de vision. Le choix des répliques du dialogue direct, indiret ou indirect libre seront toujours soumies à la relativité du narrateur.

Un élément qui attire l'attention dans l'étude du discours de cet oeuvre est le soin constant vis à vis de la langue. Le narrateur ne se laisse jamais dominer par l'exaltation. Les mots sont bien mésurés.

Tous les personnages apparaissent au lecteur par les yeux du Conselheiro Aires. Le vieux diplomate s'occupe à observer les homme set élaborer ou confirmer sa philosophie de vie ironique et sceptique, le passé, l'enfance, la vie en Europe, tout cela constitue des experiences qui l'ont conduit à cette vision du monde assurée par l'histoire de Tristão et Fidélia.